

José Goldemberg,

**Professor Emérito
da Universidade
de São Paulo**

*No dia 14 de fevereiro de 2017 o Conselho
Universitário da USP concedeu a José Goldemberg
o título de Professor Emérito. Aqui, uma homenagem
da Escola Politécnica ao físico que ajudou a formar
também engenheiros, ao cientista que tem o olhar
voltado para a sociedade, ao reitor que se impôs
ao desafio de elevar a qualidade da Universidade, ao
homem público que veste ternos
mas sem tirar o jaleco.*



Uma homenagem mais que justa



A engenharia brasileira se orgulha do trabalho do professor José Goldemberg e a ele agradece. Físico de formação, contribuiu enormemente para o desenvolvimento do País nas áreas de energia e sustentabilidade, tornando-se autoridade de renome internacional.

Como reitor, o professor Goldemberg mudou a história da USP. Garantiu sustentabilidade com a autonomia universitária, o que possibilitou que traçássemos uma estratégia de ensino, pesquisa, cultura e extensão com mais liberdade e agilidade.

Ele também beneficiou muito a Escola Politécnica ao promover um acordo entre a USP

e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), com recursos expressivos, de milhões de dólares, para aquisição de equipamentos, modernizando a Escola em suas atividades didáticas e de pesquisa.

Para a Escola Politécnica, homenageá-lo com esta publicação é uma honra, no momento em que ele recebe o título de Professor Emérito da USP e também que profere a aula inaugural para os alunos ingressantes na Poli em 2017. Goldemberg foi professor catedrático da Escola, nos anos de 1960, época em que os estudantes que por aqui passaram tiveram o privilégio de ser seus alunos nas disciplinas de Física. Nós, que acompanhamos sua trajetória, continuamos a aprender com ele para sempre.

José Roberto Castilho Piqueira
diretor da Escola Politécnica

Liedi Legi Bariani Bernucci
vice-diretora

Goldemberg na ótica de seus pares

Representa o melhor da Universidade

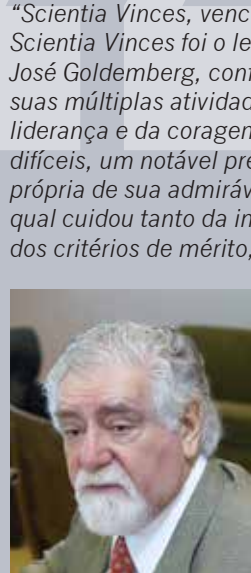


“O professor Goldemberg é uma pessoa que acredita na ciência como tal e considera que não existe separação entre ciência fundamental e ciência aplicada. Ciência é ciência. Ele é uma voz respeitada, e ninguém melhor do que ele para presidir uma instituição como a Fapesp. Goldemberg é uma das personalidades mais importantes e representativas

do melhor pensamento que existe na Universidade. É um modelo de como podemos nos dedicar à investigação da ciência e à descoberta do conhecimento, tendo em mente que é importante fazermos um esforço para transformar tal conhecimento em progresso social e econômico e em melhoria de vida dos cidadãos.”

Marco Antonio Zago,
reitor da USP

Tem liderança e coragem



“Scientia Vinces, vencerá pela ciência, é o lema da USP. Scientia Vinces foi o lema que norteou a trajetória do prof. José Goldemberg, conferindo autoridade e coerência às suas múltiplas atividades e realizações. Tem os atributos de liderança e da coragem. Foi o que dele fez, em momentos difíceis, um notável presidente da SBPC. Foi esta a marca própria de sua admirável gestão como reitor da USP, na qual cuidou tanto da infraestrutura quanto da consagração dos critérios de mérito, condição indispensável para a boa formação de recursos humanos. Foi esta igualmente a sua preocupação no âmbito nacional como Ministro da Educação.”

Celso Lafer

Embaixador, jurista e advogado, foi ministro das Relações Exteriores e do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, e ex-presidente da Fapesp.

Um homem; múltiplas competências.

Em 1946, o jovem gaúcho José Goldemberg, que acabara de entrar em Química na Universidade de São Paulo (USP), resolveu largar o curso e prestar vestibular para Física. As duas decisões causaram desgosto em uma de suas irmãs, que torcia para que ele seguisse uma carreira que entendia ser mais promissora: a Engenharia. Passados 70 anos, a trajetória acadêmica de Goldemberg indica que ele teria tido uma carreira exponencial em qualquer área das Ciências Exatas. E que, mesmo não tendo feito Engenharia, acabou por contribuir para a formação de engenheiros. Goldemberg foi professor da Escola Politécnica da USP de 1968 até 1970.

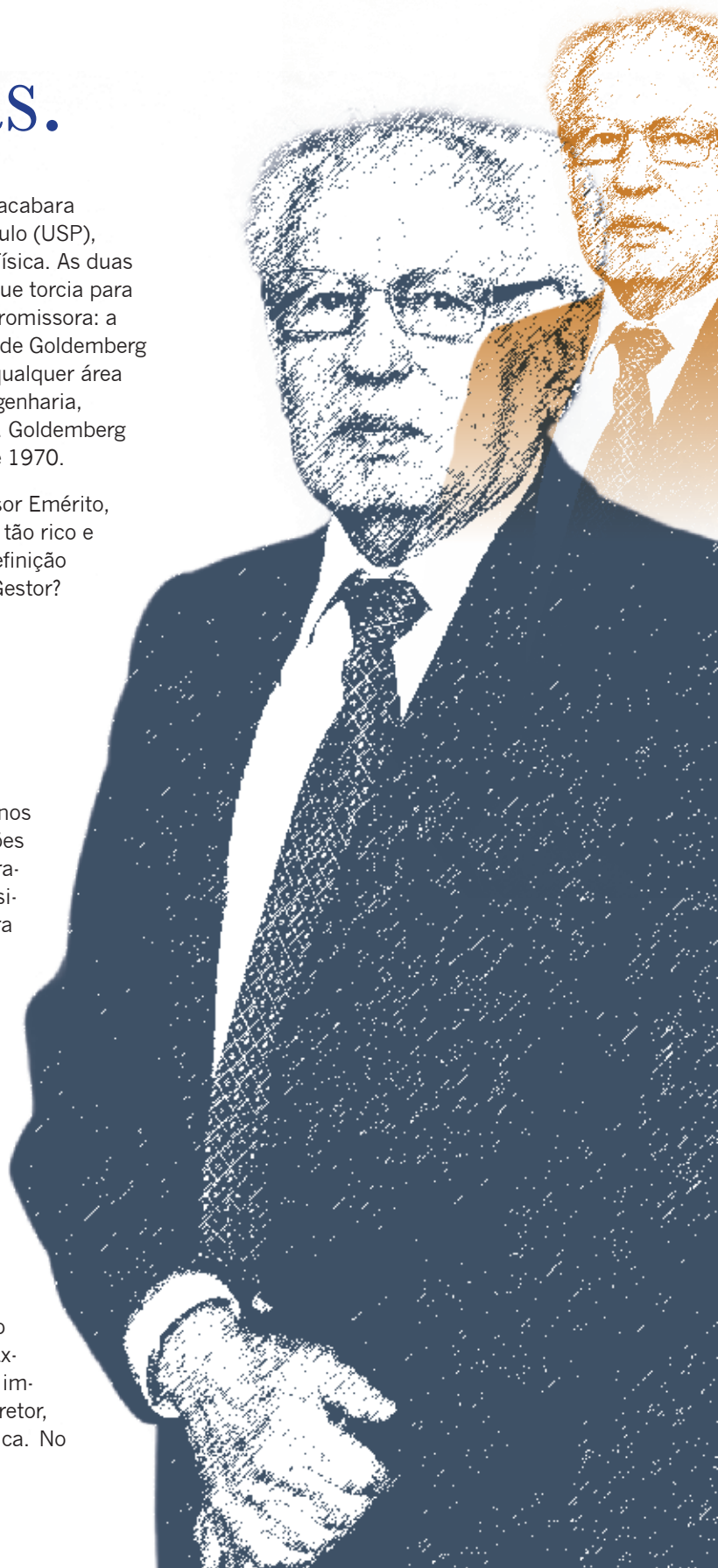
Recém homenageado pela USP com o título de Professor Emérito, Goldemberg é daquelas pessoas que têm um currículo tão rico e diverso que se torna tarefa complexa encontrar uma definição de entrada para ele. Professor? Cientista? Intelectual? Gestor? Homem público? Ambientalista?

Da física nuclear às energias renováveis

Desde que mudou de curso, em 1947, até os últimos anos da década de 1970, foi a Física que recebeu as atenções prioritárias de Goldemberg. Teve aulas com o ítalo-ucraniano Gleb Wataghin, formador de uma geração de físicos brasileiros e, em 1950, foi contratado pela USP para trabalhar com o Betatron – um tipo de acelerador de elétrons.

Em 1954 obteve o grau de doutor pela USP e, em seguida, a livre-docência. Trabalhou em diversas universidades estrangeiras, como a Universidade de Illinois, a Universidade de Stanford e a Universidade de Princeton, intercaladas por temporadas no Brasil. Na década de 1960, ganhou de presente da Universidade de Stanford, como doação, um acelerador no valor de cerca de US\$ 1 milhão. O equipamento ajudou a modernizar as instalações de Física Nuclear da USP.

Com a reforma universitária, em 1970, foi transferido da Escola Politécnica, onde era professor de Física Experimental, para o Instituto de Física. Teve um papel importante para o crescimento do Instituto, do qual foi diretor, e também na criação da Sociedade Brasileira de Física. No



período do regime militar, foi uma das poucas vozes da sociedade civil que criticaram a política nuclear do governo, opondo-se à estratégia de importar tecnologia nuclear sem transferência de tecnologia.

Foi em 1978, após ter um artigo publicado na revista Science, que sua produção científica enveredaria para a questão ambiental. No trabalho, ele mostrou que os biocombustíveis derivados da cana-de-açúcar poderiam reduzir o uso dos combustíveis fósseis no Brasil e, assim, diminuir os danos ao meio ambiente. O estudo encorajou os esforços do governo brasileiro, que tinha lançado um programa de biocombustíveis em 1975, chamado Pró-Álcool, em resposta à crise internacional do petróleo. Ao demonstrar o equilíbrio energético positivo dos biocombustíveis, e acrescentando uma dimensão ambiental ao argumento, Goldemberg reforçou o apoio ao programa de biocombustíveis do Brasil, ajudando a garantir sua viabilidade a longo prazo.

Como consequência, tornou-se um dos principais defensores da adoção de tecnologias de vanguarda, principalmente energias renováveis, para promover o crescimento econômico nos países em desenvolvimento evitando que eles repetissem a trajetória poluente que os países industrializados seguiram no passado.

Na esteira do artigo, veio a projeção internacional. Entre outras honrarias, figurou numa lista de 13 “heróis mundiais do meio ambiente” da revista Time. Recebeu da Asahi Glass Foundation, do Japão, o Prêmio Planeta Azul – o mais importante da área do meio ambiente –, e o Zayed Future Energy Prize, dos Emirados Árabes.

Gestor competente

No momento em que o Brasil ensaiava a transição para a democracia, foi presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), entre 1979 e 1981. Goldemberg era vice-presidente da entidade, mas foi alçado ao comando com a renúncia de José Reis.

Encerrado o ciclo autoritário, ele assumiu diversos cargos públicos. Foi presidente da Companhia Energética de São Paulo (Cesp) de 1982 a 1985; reitor da USP de 1986 a 1990; secretário de Ciência e Tecnologia; secretário do Meio Ambiente da Presidência da República e ministro da Educação entre 1991 e 1993, além de secretário de Meio Ambiente do Estado de São Paulo de 2002 a 2006.

Como reitor da USP, Goldemberg teve um papel importante na conquista da autonomia financeira das universidades paulistas, ao lado de Jorge Nagle e Paulo Renato Souza, reitores da Unesp e Unicamp na época. Coube a eles levar ao governador Orestes Quércia a proposta de fixação de uma fração do ICMS para as universidades.

Partiu de Goldemberg também a iniciativa de avaliar a produtividade e a qualidade da produção científica dos docentes da USP, assim como a reforma do seu Estatuto, que deu maior participação aos docentes e estudantes nos colegiados da Universidade.

Foi nesse período também que ele participou da criação do Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp).

Nessa época, seu interesse pelas questões ambientais foi acentuado, escrevendo sobre temas como as mudanças climáticas, a biodiversidade e o buraco na camada de ozônio. Na USP, promoveu a criação do programa de pós-graduação em Ciência Ambiental.

Como homem público, costuma ser lembrado pelo protagonismo na RIO-92. Coube a ele, como Secretário de Meio Ambiente da Presidência da República, representar o Brasil em vários eventos preparatórios da Conferência com os governos da Índia, China, Estados Unidos e inúmeras organizações não governamentais.

Na Secretaria Estadual do Meio Ambiente, teve um papel fundamental na viabilização da colheita mecanizada da cana-de-açúcar para eliminar a emissão de poluentes gerada pela queima da palha da cana.

EDUCAÇÃO, A BASE DE TUDO

Aos 88 anos, casado pela segunda vez, pai de quatro filhos e avô de seis netos, José Goldemberg é natural da cidade gaúcha de Santo Ângelo. Era o caçula de quatro filhos de um casal de judeus russos que migrou para o Brasil no início do século passado para trabalhar na agricultura. Perdeu a mãe aos 5 anos e foi criado pelo pai e as três irmãs mais velhas. Em 1935, a família transferiu-se para Porto Alegre, onde Goldemberg fez sua formação no ensino fundamental e médio no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. De lá, foi para São Paulo onde prestou vestibular na USP e começou sua carreira.

Goldemberg foi o primeiro membro da família a comple-

tar o curso superior. “Educação não só mudou a minha vida, como a de todos os meus filhos e netos. Além disso, me permitiu trabalhar para melhorar a pesquisa científica e a educação no Brasil”, disse em uma entrevista à revista Educar para Crescer.

Autor de inúmeros trabalhos técnicos e vários livros sobre Física Nuclear, meio ambiente e energia em geral, Goldemberg continua ativo. Depois da aposentadoria como professor da USP, vinculou-se ao Instituto de Energia e Ambiente (IEE) da USP. Em setembro de 2015 tornou-se presidente da Fapesp – a maior fundação de amparo à pesquisa do País.



A USP é uma universidade muito relevante; uma das 200 melhores do mundo. E com justiça.

Uma autoridade acadêmica

Mais do que professor dedicado, pesquisador ousado ou gestor eficiente. O professor José Goldemberg, pode-se resumir, é uma autoridade acadêmica. A universidade brasileira tem poucos como ele: visão acurada para os detalhes e ampla para os horizontes. Suas posições, não raro, reverberam dos corredores aos gabinetes, conquistam adeptos e influenciam rumos. Nesta entrevista, concedida a propósito da homenagem a ele como Professor Emérito da USP,

Goldemberg fala sobre as áreas portadoras de futuro na Física e na Engenharia, da importância de se estar na vanguarda do conhecimento para melhorar os indicadores de qualidade na pesquisa, do valor da internacionalização, e o que precisa ser melhorado no sistema universitário. Também defende que o Ministério da Educação invista mais no ensino básico como forma de ajudar a população mais pobre a ingressar na universidade sem necessidade de cotas.

Como o senhor vê a Física hoje? A Física e seus conhecimentos têm um papel de peso no desenvolvimento tecnológico como teve no passado?

Temos áreas da ciência que se desenvolvem muito rapidamente e com muito sucesso, a tal ponto que posteriormente fica até difícil contribuir mais para haver mais desenvolvimento. Já em outras avançamos tão devagar que sempre têm novidades. Por exemplo, ainda temos um grande trabalho a fazer na elucidação do código genético e de como ele se reflete nas características das pessoas. Quem trabalha com Física atualmente acredita que teremos grandes avanços na área de construção de materiais. Aprendemos tanto que agora a ideia é, ao invés de viver com os materiais que existem na natureza, programarmos os materiais para terem as características que queremos. Sabemos que os fios produzidos pelas aranhas são os mais resistentes na natu-

reza; agora temos pesquisadores em laboratório desenvolvendo fios tão ou mais resistentes do que os feitos pelas aranhas. A área de Física dos Materiais é a que está desenvolvendo muito. No último ano, detectamos as ondas gravitacionais. Isso abriu uma nova janela para entendermos melhor o Universo.

E a Física brasileira? Estamos bem?

Nossa Física tem um pé em todas essas áreas. Temos pesquisadores trabalhando com ondas gravitacionais, com grafeno e outros novos materiais, com nanotecnologia. A Física brasileira está bem, no sentido de que estamos participando da vanguarda, mas não conseguimos ainda promover descobertas originais de grande impacto. Esse é um problema não só da Física, mas da ciência brasileira como um todo.

Como o senhor saiu da pesquisa na área nuclear e chegou aos estudos

sobre etanol, numa época que o etanol não era visto como uma solução para o meio ambiente, mas apenas como alternativa para enfrentar o alto preço do petróleo?

À época, em 1970, havia uma grande discussão se a energia nuclear era algo perigoso. Havia muitos testes nucleares e os próprios cientistas eram contra porque podiam causar um mal danado. Eu participava muito dessas discussões, como presidente da SBPC [Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência]. A ideia era a de que energia nuclear não era um bom caminho a seguir no Brasil. As pessoas então me confrontavam: se não é energia nuclear, o que seria? Carvão é muito poluente. Qual fonte de energia que não causaria esses problemas? Fiz, então, um trabalho sobre o etanol, no qual mostrei que ele é praticamente luz solar liquefeita. Eu não era contra o uso de energia nu-

clear, mas queria enfrentar esse desafio de buscar uma alternativa.

Mas o que fez o senhor pensar no etanol e não na energia solar ou outro tipo?

Na época, o preço do açúcar estava baixo e o Brasil estava produzindo muito etanol. Era um problema econômico. Essa ideia de que o etanol, de certa forma, era energia solar não existia e eu que a apresentei. Escrevi um artigo na Science mais recentemente, atualizando o meu artigo anterior [publicado nessa revista no final dos anos 1970], e ele foi citado mil vezes. Teve um impacto enorme.

O senhor foi professor da Escola Politécnica. Como vê a Engenharia hoje?

Como ocorreu com a Física, a Engenharia teve um papel muito importante em meados do século passado, especialmente com a tecnologia do concreto armado. O Brasil é um dos países que efetivamente exerceram uma liderança grande nessa área, devido especialmente ao trabalho da Poli e do IPT [Instituto de Pesquisas Tecnológicas]. É uma tecnologia estabelecida no mundo todo. A Arquitetura brasileira se espalhou pelo mundo. O sucesso de [Oscar] Niemeyer é um reflexo disso. Ele combinou um senso artístico diferenciado com uma tecnologia que foi tornada viável pelos engenheiros da Politécnica. Isso funcionou muito bem e marcou a Engenharia do Brasil como de vanguarda na ocasião. Mais recentemente houve o grande sucesso das hidrelétricas. Nossas hidrelétricas são das mais interessantes do mundo e até recentemente Itaipu era a maior. Essa hidrelétrica é como uma catedral de concreto. A barragem é gigantesca e é oca, não é maciça como são normalmente as barragens, isso graças à Engenharia nacional. É uma área que se desenvolveu e conquistou um lugar no mundo todo. Mas temos outras áreas que tiveram dificuldades em se desenvolver. Por exemplo, na produção de computadores, muitos

“Encontro meus ex-alunos, hoje diretores de grandes empresas, e eles agradecem o fato de terem tido um bom ensino fundamental em Engenharia”.

países tentaram ocupar o papel dos Estados Unidos, produzindo chips. O Brasil tentou entrar nessa área e não deu certo, mas se desenvolveu um grande conhecimento da tecnologia. O desenvolvimento tecnológico num país é importante não só para produção de coisas novas, mas para escolher adequadamente as tecnologias que existem. Conhecê-las, olhar para o mundo, ver o que os demais estão fazendo e escolher a melhor, isso é algo que a USP e a Poli têm feito, formado especialistas que podem acompanhar o que ocorre no mundo.

A Engenharia brasileira está em crise?

Ela acompanha a crise brasileira. O fato de não termos projetos de infraestrutura no Brasil afeta tremendamente essa área. Na Fapesp [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo], estamos tentando fazer com que a Poli e o IPT se desenvolvam na área de impressão 3D. É uma área moderna, com muitas possibilidades de inovação. Não se pode comprar simplesmente uma máquina 3D e começar a produzir aqui porque os materiais são diferentes e é preciso adaptações. Uma outra área que a Fapesp está tentando encorajar é a introdução da eficiência energética nas construções, dentro do conceito de prédios e cidades inteligentes... Temos poucas empresas de Engenharia fazendo prédios desse tipo. Estamos tentando encorajar a formação de consórcios entre a Poli

e empresas de construção civil para estimular estudos nessa área.

O Brasil forma bons engenheiros?

Sim, e formamos bem nossos profissionais na área fundamental da Engenharia. Com minha ida para a Poli, foram contratados pesquisadores para dar aulas nas disciplinas básicas, como a Física. Com isso, modernizamos o conteúdo que era estudado. Os alunos achavam que as aulas eram piores do ponto de vista didático, mas melhores do ponto de vista do conteúdo científico. Eles se queixavam do primeiro ao último dia porque queriam entrar imediatamente nas aplicações. E eu dizia para eles terem calma porque estavam aprendendo os fundamentos do que seria útil. Encontro meus ex-alunos, hoje diretores de grandes empresas, e eles agradecem o fato de terem tido um bom ensino fundamental em Engenharia. Eles conseguem entender o que se passa no mundo.

Passamos por um processo recente de aumento de investimentos em ciência e melhoria dos indicadores científicos. Mas esses aumentos quantitativos não se refletem na melhoria qualitativa da ciência...

Temos problemas na ciência brasileira e nas universidades, incluindo na USP. A produtividade medida pela quantidade de trabalhos publicados aumentou muito e as pessoas agora estão começando a se preocupar com a qualidade. Ela é medida pelo impacto. É difícil medir qualidade. No caso da ciência, podemos medir o impacto com base no número de citações de um trabalho. Quando olhamos os indicadores brasileiros, vemos que o impacto não está acompanhando a explosão quantitativa dos trabalhos publicados. É uma preocupação séria das universidades, da Fapesp. Temos de fazer um esforço para melhorar. E a única forma de fazer isso é estar na vanguarda, pois é aqui que aparecem os problemas novos.

O senhor falou sobre problemas



“O impacto não está acompanhando a explosão quantitativa dos trabalhos publicados”.

nas universidades. No caso da USP, sua casa de origem, ela está melhor hoje do que quando o senhor era docente?

A Universidade hoje está muito maior, então seria como comparar uma criança com um adulto. Nos primeiros tempos da USP, com aquele fluxo que houve de professores estrangeiros, tivemos um tratamento de choque. O nível local de competência subiu muito. Foi difícil de manter depois. Tanto que hoje a Fapesp tem um programa de internacionalização, de trazer cientistas de fora ou mandar cientistas brasileiros para estágios no exterior. Eu não diria que o nível da Universidade piorou. Ela ficou muito grande e os pedaços mais ‘fracos’, digamos assim, são mais visíveis. A USP é uma universidade

muito relevante; uma das 200 melhores universidades do mundo. E com justiça. Não é correto pensar que ser uma das 200 melhores universidades do mundo não é uma grande honra; existem cerca de 10 mil universidades do mundo.

E o que devemos melhorar no sistema universitário?

Acho que os programas de mestrado e doutorado precisam introduzir regras mais exigentes na concessão desses títulos. Ficou um pouco banalizado. A USP é uma das universidades que concedem o maior número de títulos de doutor do mundo. Precisaria ‘apertar um pouco os parafusos’. É uma análise que vale para a USP e também para as demais universidades brasileiras.

Quando reitor da USP, o senhor teve um papel fundamental na conquista da autonomia universitária na gestão. Hoje, a USP passa por uma crise financeira. Como alguém que pensou e lutou por isso vê a situação hoje?

A autonomia de gestão foi introduzida em 1988 e o decreto que a estabeleceu prevê que 75% dos recursos poderiam ser gastos com pessoal. Essa cláusula foi cumprida por aproximadamente 20 anos. Só a partir de 2010 acabou sendo desobedecida porque foram atendidas demandas de uma maneira liberal e que não cabiam dentro do orçamento. Tivemos a crise econômica somada a esse fato, já que caiu a arrecadação. Quando se constrói um prédio, se realiza a despesa uma vez só. Quando se aumenta salário, se faz algo que é permanente. Isso levou a Universidade a gastar mais de 100% com salários. Essa situação precisa ser resolvida. Não é possível uma universidade funcionar sem liberdade, mas dessa forma a autonomia acaba se esvaziando. No fundo, os recursos não foram usados seguindo as regras da responsabilidade fiscal.

Falamos até agora da pesquisa e

do ensino superior. Mas o Brasil tem um quadro muito complicado na educação básica. O senhor, que já foi ministro de Educação, como observa essa área hoje?

O Ministério da Educação coloca praticamente todo seu dinheiro nas universidades. São recursos apreciáveis. Isso precisa mudar. É verdade que temos áreas de educação que são responsabilidade do município ou do Estado, mas a ênfase no ensino superior, dada nos últimos 15 anos, é incorreta. Foram criadas muitas universidades federais. Universidade custa caro. Um aluno numa universidade brasileira custa cerca de R\$ 50 mil por ano, não muito diferente do custo numa universidade americana. Essa ênfase dada pelo governo federal ao ensino superior no Brasil devia ser dada para o ensino fundamental, de modo a preparar melhor os estudantes para competir pelas vagas do ensino superior. O governo federal precisaria efetivamente ajudar mais nessa área. Essa seria a maneira de ajudar a população mais pobre, e não criando cotas nos vestibulares. É elevando os mais pobres para poderem competir, efetivamente, pelos lugares das universidades públicas. Como o País não consegue, a maioria vai para universidades particulares.

O senhor gosta mais de ser gestor, pesquisador ou professor?

Tentei conciliar isso a vida toda. Há um limite, claro, mas continuei publicando trabalhos em revistas especializadas. Minha atividade científica hoje é menor, mas eu a mantenho. Perdi um pouco o interesse no ensino, no trabalho em sala de aula, mas faço isso com colaboradores, orientando teses de doutorado e dando palestras.

**Leia a entrevista na íntegra no site da Escola Politécnica:
www.poli.usp.br/**

Trajetória destituída de objetivos pessoais

“Um grande brasileiro! Para mim, é um privilégio pensar e transmitir algo sobre um homem à frente do seu tempo que, ao longo de sua vida, além de estruturar sua educação e formação profissional, aberta e eclética, muito contribuiu para que outros brasileiros tivessem, e ainda podem ter, as oportunidades de repetir e ampliar seus sucessos. Agradeço por ele ter vivido no nosso tempo e contribuído tanto. E, mais, que continue nessa trajetória, destituída de objetivos puramente pessoais, profundamente preocupado e permanente participante na

construção do sucesso de um país que, todos nós desejamos, possa crescer e se tornar tão grande cultural e economicamente mais rico.”



Ozires Silva

Engenheiro aeronáutico, reitor do Unimonte e presidente do Conselho Estratégico do Grupo Ânima de Educação e Cultura, é um dos fundadores da Embraer.

Capacidade rara de produzir ciência

“A trajetória do professor José Goldemberg constitui uma rara e excepcional síntese da capacidade de produzir ciência, com extraordinários aportes interdisciplinares, de contribuir para a educação, de formular políticas públicas e de realizar gestão de alta qualidade, cujas sinergias significam a construção de uma personalidade completa.”

Ildo Luís Sauer

Vice-diretor do Instituto de Energia e Ambiente (IEE) da USP, foi diretor executivo da Petrobras.

Admiração e afeição



“Acompanhei a carreira do professor Goldemberg tanto do ponto de vista de seu desempenho como pesquisador e em várias outras frentes, sua militância jornalística, a questão energética e ambiental. Tenho pelo Goldemberg uma grande admiração e afeição; tive o privilégio de estar no júri do Prêmio da Fundação Conrado Wessel, que ele recebeu há dois anos. É uma alegria e uma satisfação poder ver que, enfim,

a USP, que é também a minha universidade de origem, onde me formei, concede ao professor Goldemberg o título de professor emérito, um reconhecimento muito mais do que merecido.”

Carlos Vogt

Professor emérito da Unicamp e coordenador do Labjor/Unicamp. Foi presidente da FAPESP e secretário de Ensino Superior do Estado de São Paulo.

Pessoa firme, com capacidade de ouvir e ser generosa

“Goldemberg é um grande homem público, que tem uma característica muito peculiar no Brasil: é um cientista. São poucos cientistas que ocuparam cargos como Goldemberg ocupou e que tiveram desempenho excelente em todos os aspectos. Ele sempre me impressionou por duas características: primeira, de ser uma pessoa firme, que sabe o que quer, tem ideias próprias, e por outro lado, pela capacidade de ouvir e ser generosa com as pessoas”.

Sergio Rezende

Físico, professor da UFPE, foi ministro da Ciência e Tecnologia e presidente da Finep.

Profissional ético e extremamente bem informado

“O professor José Goldemberg, na época em que ingressei como aluno da Escola Politécnica, há 55 anos, era docente de Física. Ele fazia parte de um grupo de professores que ministravam aulas no primeiro e segundo anos. Na época, já era reconhecido como um excelente professor e pesquisador, méritos que leva até hoje. Sempre se mostrou um profissional ético e extremamente bem informado.”

Antonio Marcos de Aguirra Massola

Engenheiro elétrico, professor da Escola Politécnica da USP, da qual foi diretor.

Papel de destaque na Física



“O Prof. Goldemberg teve participação decisiva na primeira fase da SBF - Sociedade Brasileira de Física: presidiu a assembleia de fundação e foi secretário-geral das duas primeiras gestões. Mais tarde, foi presidente em duas gestões. Teve uma carreira destacada em Física Nuclear e depois se interessou por problemas de energia no Brasil. Na USP, foi o organizador do Instituto de Física, logo depois da reforma

universitária de 1969, e foi provavelmente o primeiro reitor academicamente forte, originário de uma área básica de pesquisa. Incorporou conceitos como o mérito acadêmico e a prática de avaliações de mérito. A SBF cumprimenta o Prof. Goldemberg nesta ocasião em que recebe o merecido título de Professor Emérito da USP.”

Belita Koiller

presidente da SBF